

PIBID PARA QUÊ? VIVÊNCIAS, APONTAMENTOS, INDAGAÇÕES E CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO CHÃO DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR LENILTO ALVES SANTOS

Gilmar dos Santos Mendonça ¹

Rejane Vasconcelos ²

Simone Varela ³

RESUMO

Esse artigo emerge a partir das inquietações, vivências, apontamentos, indagações e considerações de práticas e experiências advindas de estudantes do Curso de Pedagogia, na modalidade à distância (EAD) do Instituto Federal de Alagoas, participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), cujas atividades foram desenvolvidas na Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos, situada na cidade de Maceió – Alagoas. Nele o objetivo constituiu-se na reflexão sobre as perspectivas relacionadas ao papel exercido pelo PIBID na formação de futuros professores, problematizando os desafios, as práticas e as contribuições do PIBID no exercício da iniciação à docência na realidade escolar, usualmente chamada de “chão da escola”. Nessa abordagem, os principais conceitos e seus respectivos autores que fundamentaram este artigo foram: a prática reflexiva (Schön, 1983), os saberes docentes (Tardif, 2002) e a formação e desenvolvimento profissional do professor (Nóvoa, 2002). Além disso, as discussões sobre o PIBID e a imersão na realidade escolar foram ancoradas nas perspectivas de Almeida (2017), complementadas por *insights* sobre a organização do trabalho pedagógico e a prática docente (Libâneo 1994; Gerald, 1999). A ênfase partiu dos olhares inquietos e indagações sobre a relevância, o significado e a necessidade da vivência prática e da inserção na escola para o aprimoramento acadêmico, profissional e por que não dizer pessoal do licenciando. Neste sentido, as expressões “PIBID para quê?” e “chão da escola” complementam-se enquanto provocações reflexivas atinentes ao alcance do PIBID na estruturação dos saberes e identidades docentes e, ao mesmo tempo, se constituem em elemento propulsor da práxis.

Palavras-Chave: Formação de Professores, Iniciação à Docência, PIBID, Práxis Reflexiva.

INTRODUÇÃO

Este relato aborda aspectos mais sensíveis do que técnicos, isso porque para um artista/professor ou professor/artista, que se lança mais uma vez aos desafios de uma nova graduação dessa vez na pedagogia, é preciso entender que o sentir se sobrepõe ao saber e não

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas – IFAL; Mestre em Educação pela Universidade federal da Bahia – UFBA, gs16@aluno.ifal.edu.br;

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, rejanevasconcelos2025@gmail.com;

³ Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes de Sergipe – UNIT, docente do Instituto Federal de Educação de Alagoas, Ifal – Campus Maceió simone.varela@ifal.edu.br.



de maneira que venha a minimizar o poder do conhecimento, mas sim que venha de modo agregador a fortalecer quaisquer conhecimentos adquiridos, assim, o conhecimento se torna mais "empoderado", com a sensibilidade, com o sentir. E, como nos lembra Nóvoa (2002, p. 14), "sem coragem não há conhecimento".

E partindo do sentir que refletimos a sala de aula de forma sensível e a formação inicial de professores no Brasil, a partir de uma experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) cujas atividades foram desenvolvidas na Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos, situada na cidade de Maceió – Alagoas. Em relação a esta experiência apontamos a primeira reflexão: isso porque essa é a formação inicial de professores é constantemente debatida e confrontada com os desafios complexos da escola contemporânea, mas quantos desses debates estão alocados e ancorados na experiência real e cotidiana de sala de aula, no "chão da escola"?

Ao apresentar-nos ao ofício de encarar o dia a dia da escola, ainda que de maneira tímida, nos surpreendemos por perceber que talvez, mais do que uma oportunidade de ter essa vivência, os discentes aspirantes à docência, necessitam de tal experiência. Isso porque de pronto já nos é apresentada uma realidade que escancara um debate antigo, porém não elucidado e ainda longe de seu esgotamento, a segregação entre a teoria e a prática na formação de docentes que nada mais é que o abismo que se tem quando se aprende somente a teoria e se deixa a prática para um epílogo da formação.

Essa dicotomia entre a teoria acadêmica e a prática escolar é um problema estrutural que se arrasta pelas licenciaturas, frequentemente criticadas por não prepararem o futuro docente para a realidade da sala de aula. Como observa Nóvoa (2002, p. 1), essa distância representa uma das maiores fragilidades do sistema educativo. Essa separação, contudo, perde força ao reconhecermos com Tardif (2014, p. 15) que o saber docente é, em sua essência, um saber social, construído na prática e indissociável da experiência de vida.

E é nesse contexto múltiplo que o PIBID transcende o nicho de uma mera extensão, ele age forma laboral e experimental e assegura uma potente e necessária reflexão da práxis, que permite ao futuro professor ser introduzido antecipadamente no ciclo e comunidade escolar.

A inserção previamente desse ator no cotidiano docente, busca apresentar a realidade, o "chão da escola", mas não de uma maneira evocar a ludicidade ou as acolhidas que esse ambiente pode proporcionar, é para além desse lugar de fenômeno romântico educativo, o que se propõe ao "Pibidiano" é na verdade permitir um olhar para esse futuro novo docente que





possibilite que ele problematize, critique, auxilie e esteja qualificado para interagir e intervir de maneira distinta, com equidade e com qualificação. Ituras
IX Seminário Nacional do PIBID

Tal estrutura facilita e impulsiona os docentes vindouros a iniciarem o alicerce de seus conhecimentos, saberes e DNA professoral por meio de realidades presenciadas, vividas e observadas. De modo que extrapole e rompa o processo formativo tão-somente teórico e se estabeleça como um fazer docente reflexivo, crítico e real do fenômeno pedagógico, bem como fortalece pensamentos e pensadores que trazem a abordagem ancorada em conceitos como a prática reflexiva (Schön, 1983) e os saberes docentes (Tardif, 2002), complementados pelas discussões de Nóvoa (2002), Libâneo (1994), Geraldi (1999) e Almeida (2017) sobre a formação e a realidade escolar.

Para analisar essa vivência, o presente relato se organiza em seções que detalham a metodologia, o referencial conceitual, os resultados e as discussões sobre as inquietações do "chão da escola", culminando nas considerações finais. Este percurso busca refletir a metamorfose do fazer docente, pois, como destaca Nôvoa (2002), a formação de professores precisa se reinventar diante de uma escola em constante transformação.

METODOLOGIA

Este trabalho constitui um relato de experiência de abordagem qualitativa, cujo objetivo é gerar reflexão crítica e conhecimento a partir da vivência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Em vez de focar em um resultado, valorizamos o processo como o próprio resultado: um percurso contínuo, fluido e mutável. Essa perspectiva se alinha ao pensamento de Nôvoa (2002, p. 15), para quem “[...] o que importa, na ciência, é a capacidade de ver de outro modo, de pensar de outro modo”. Inspirando-nos a compreender este relato como um movimento de descoberta e criação.

A escolha pelo relato de experiência nos permitiu expressar de forma mais visceral as inquietações e observações embasadas a partir do "chão da escola". Essa imersão reafirma a ideia de Nôvoa (2002) de que a formação de professores deve ser construída na cultura profissional e na partilha entre pares. Assim, a vivência no PIBID foi organizada como objeto de pesquisa, utilizando a observação-participante para investigar a construção dos saberes e das identidades docentes.

A vivência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi organizada como objeto de pesquisa, utilizando a observação-participante para investigar a estruturação dos saberes e da identidade docente (Tardif, 2014). A inserção precoce no

ambiente escolar, proporcionada pelo programa, mostrou-se um campo crucial para essa análise.

Como metodologia de coleta de dados, adotamos os Diários Reflexivos e o Web Portfólio. No contexto do PIBID/IFAL, essas ferramentas são mais do que repositórios de atividades; são espaços de escrita que promovem a análise e a colaboração. Essa abordagem favorece a formação de um profissional reflexivo, conforme descreve Schön (1992), que entende a reflexão na ação como o principal meio de aprendizagem na prática profissional.

No escopo desse relato, quando trazemos as impressões, os diálogos, as observações em sala de aula, como as vivenciadas com a supervisora Rejane Vasconcelos na Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos, e os incômodos inquietantes gerados pela prática foram anotadas e desenvolvidas. O que converge intimamente com o conceito de prática reflexiva (Schön, 1983), permitindo a análise temática posterior dos dados.

Para analisar os dados dos Registros Reflexivos, adotamos um enfoque temático, organizando as vivências e inquietações em eixos de discussão. Este processo se ancora na compreensão de que o saber é uma prática viva, que, conforme Tardif (2014), “[...] é produzido e modelado no e pelo trabalho”.

Dessa análise, emergiram os eixos centrais que estruturam este relato: a crítica à dicotomia teoria-prática, o entendimento da escola como organização de trabalho (Libâneo, 1994) e a construção da identidade docente (Tardif, 2002). Assim, a metodologia transforma o relato individual em conhecimento científico e evidencia a urgência de um diálogo efetivo entre universidade e escola, pois, como aponta Nóvoa (2002), é necessária uma nova institucionalidade que junte “[...] em triângulo as universidades, a profissão docente e as escolas da rede”.

O PIBID E OS PILARES DA PRÁXIS REFLEXIVA

A pedra que alicerça e amalgama as inquietações e as vivências deste relato não poderia ser outra que a prática reflexiva, ideia que traz a garantia que se precisa que licenciando pondere sempre consigo mesmo e com seus pares sobre a ação e na ação do seu fazer cotidiano no contexto ou nos vários contextos escolares. E não caminhamos sozinhos ou somente com nossas impressões pessoais ou particulares. O profissional reflexivo não apenas aplica o conhecimento técnico previamente adquirido, mas é capaz de analisar as situações únicas e incertas do campo, aprendendo com elas. Schön (1983, p. 68) reforça que “[...] o profissional reflexivo pensa sobre o que faz enquanto faz, e dessa reflexão nasce a



possibilidade de agir de maneira diferente". Esse entendimento é o fio condutor que permite ao pibidiano transformar suas ações em um campo de aprendizagem contínua.

É com esse olhar e nesse lugar que o "sentir" e as indagações do futuro professor ganham corpo e reconhecimento pedagógico se transformando na força motriz em sua formação. Adentrar no PIBID e documentar o registro no Diário Reflexivo é/são, certamente, encarnamento desse enfoque, onde o estudante do IFAL/EAD inicia ou refina e aprofunda o ciclo de problematização e intervenção que o transformará de aluno em professor, mas o professor que não esquece seu lugar ou o lugar do aluno que pesquisa e reconhece a realidade que está inserido, ou seja, aquele que aprende ensinado e ensina aprendendo.

O nosso pensar acerca da e na ação que é indicada na obra de Schön (1983) é a condição *sine qua non* que significa “sem a qual não”, para o avanço dos saberes docentes, segundo o que trazido por Tardif (2014, p. 36). Essa visão de nos lembra que “os saberes docentes são plurais, compostos de saberes provenientes da formação profissional, dos currículos, das disciplinas e da experiência”.

É na costura entre esses saberes que o PIBID encontra seu campo de maior potência formativa. O pensador classifica esses conhecimentos em quatro eixos: da formação profissional, disciplinares, curriculares e experienciais, o que já havíamos adiantado quando trazemos o sentir, tendo nestes últimos o material genuíno e basilar na construção do diário e a mesmo tempo o constituinte de maior complexidade de ser encontrado na formação mais conservadora.

É exatamente aqui que tudo começa a fazer sentido onde PIBID do IFAL/EAD é consolidado como política potente e necessária: de maneira que permite um lugar seguro e amparado que licenciando, estabeleça um enfrentamento daquilo que recebe de aporte teóricos da academia como que presencia e vive na prática, os saberes experienciais e práticos da Escola Municipal Professor Lenildo Alves Santos. Assim, o espaço escolar se converte em um laboratório vivo de formação e autoconhecimento. Essa relação amalgamada entre teoria e prática, citada em seus *Web Portfólios*, permite ao pibidiano iniciar o processo de construção de sua identidade profissional, entendendo que o saber docente é plural, temporal e complexo, mas que também se consolida no fazer prático amparado e ancorado no pensar, no refletir e no sentir.

A estruturação de conhecimentos, amparada pela reflexão é a base no arquitetamento e elevação do DNA e desenvolução profissional do educador em formação, tema central na obra de Nóvoa (2002). O autor enfatiza que a profissão docente se consolida por meio de um processo contínuo de autoformação e envolvimento na comunidade profissional, onde a

experiência é o alicerce da transformação. Essa reflexão converge com a ideia de Nóvoa (2002, p. 3), para quem “a formação não se constrói por acumulação, mas sim por um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas”. O PIBID, portanto, atua como um catalisador dessa autoformação em contexto.

O PIBID transcende a simples iniciação, agindo como um catalisador para a valorização da carreira docente. Isso ocorre ao inserir o licenciando em um coletivo de trabalho que envolve orientadores, supervisores na escola e os pares, com quem compartilha descobertas e angústias. Nesse ecossistema, o aluno da educação básica se firma como o centro da experiência.

A partir dessa vivência coletiva, o programa exige que o futuro professor desenvolva uma compreensão ampla da escola como uma organização de trabalho e um espaço social complexo. Essa imersão leva ao entendimento de que cada escola é única, e nenhuma experiência pode ser replicada de forma idêntica.

A complexidade da prática docente é reforçada por Libâneo (1994), ao afirmar que a escola é uma “organização de trabalho que se concretiza nas relações sociais”, onde o pedagógico e o político se entrelaçam. Essa visão nos leva a questionar até que ponto as impressões vividas em uma escola seriam as mesmas em outras realidades, dado que cada contexto é único.

A experiência no "chão da escola" confirma essa tese. Ela exige do licenciando uma postura de permanente reflexão e um profundo senso de pertencimento ao seu contexto de atuação. O professor não pode ser um ator externo a essa realidade, pois, como define Geraldi (1999), seu trabalho é uma “[...] prática de linguagem, de produção de sentidos e de interlocução com o outro”. O que só é possível através de uma conexão real com a comunidade escolar.

A experiência na Escola Municipal Professor Lenílto Alves Santos, em Maceió, é uma lupa pelo qual o PIBIDiano do IFAL/EAD observa e analisa essa complexidade organizacional, onde desconstrói-se mitos, verdades absolutas e castelos de areia teóricos, onde se aprende a desaprender o que se tinha aprendido para passar a começar a aprender o que de fato é uma sala de aula e suas nuances.

Por fim, mas longe de concluir algo ou esvair-se a discussão, é crucial sustentar a experiência aqui relatada na discussão sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como uma política pública salutar para a reconfiguração da formação inicial. O PIBID desabrocha como um aporte rico e evidenciador na articulação orgânica entre a universidade e a escola básica, com forte apelo de valoração do magistério superior e a

qualificação e aperfeiçoamento dos vindouros docentes preconizar a inserção a imersão orientada, o programa procura institucionalizar a espiral de reflexão e práxis suprindo necessidades da LDB e das Diretrizes Curriculares, assegurando que a indagação "PIBID para quê?" encontre sua resposta na prática constante, individual, consciente e crítica do licenciando. Pois, como destaca Almeida (2017, p. 82) O PIBID, ao articular universidade e escola, rompe o abismo entre teoria e prática, fortalecendo a identidade docente e reafirmando a profissão como espaço de reflexão, pesquisa e ação transformadora.

Dessa forma, o programa reafirma seu papel estratégico na formação inicial como seara de construção e firmamento do fazer docente real e talhado na prática e não somente no entendimento teórico, mais que falar de docência e de escola é preciso estar na escola, vivendo-a em suas complexidades e genuinidades.

VIVÊNCIAS NO CHÃO DA ESCOLA: CONFRONTANDO A DICOTOMIA TEORIA-PRÁTICA NA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

A visitação e revisitação e estudo dos Diários de Registros Reflexivos e Web Portfólios, matéria basilar e protagonista empírico dessa investigação, escancarou resultados de pronta resposta do PIBID na formação dos licenciandos do IFAL/EAD se fincou na demolição da ideia da escola com certo romantismo, ou com certo medo e super idealização e no rompimento da conservadora e rígida dicotomia teoria-prática. Esse rompimento é o primeiro passo para o real aprendizado docente, pois, como afirma Nóvoa (2002, p. 4), “a formação de professores deve articular, de modo constante, o aprender a ensinar com o aprender a ser professor”.

Essa articulação é o que o PIBID efetivamente promove quando coloca o licenciando frente à realidade viva da escola. O que se pode ver é que a rotina diária, ou ainda que semanal na Escola Municipal Professor Lenildo Alves Santos, ao desnudar o ascendente a professor à rotina da Educação Básica, como as aulas de Língua Portuguesa e Matemática ou as atividades de avaliação, exige que a prática reflexiva seja exercitada na ação. Schön (1983, p. 26) nos lembra que “é na reflexão na ação que o profissional pensa sobre o que está fazendo enquanto o faz”, e é nesse movimento que o pibidiano transforma a prática em processo formativo e consciência crítica.

O “chão da escola” empurra o licenciando a reconhecer o saber teórico inerente a realidade multifacetada do 3º ano do Ensino Fundamental, ressignificando o que antes era a

Essa visão reforça que o “chão da escola” é, antes de tudo, um território de construção de si e do outro. Coexistir, ainda estudando e em processo de formação na graduação com dia a dia da escola faz o discente despertar abruptamente sem perder a leveza para realidade que toca a dimensão íntima do licenciando, principalmente se este discente já vier de outros contextos como de um professor/artista que procura antes do saber o “sentir”. Atentando-se a rotina em sala de aula, se constata que a prática reflexiva vai se estabelecendo em minúcias da ação pedagógica planejada, como nas atividades de Língua Portuguesa com o texto “Violão do Seu Francisco” ou na Matemática com a organização dos “Meses do Ano”.

O acompanhamento de atividades como a interpretação de texto e a separação silábica, temas centrais no 3º ano, escancara que o sucesso da intervenção depende de uma sensibilidade para a realidade dos alunos, entendendo seus vários contextos e suas realidades e bagagens sociais, e emocionais previas, para além do domínio do conteúdo. Por tanto, pensar um planejamento bem estruturado, mas com possibilidade de ressignificar e transformar e se torna o esteio que impulsiona ao futuro docente exercer sua sensibilidade, pois garante que as experiências sejam significativas e promovam o pensamento crítico.

Para que não deixemos que o nosso pensar crítico se esmere em experiências particulares que não se sustentam e não possuem embasamento, o PIBID do IFAL age de maneira indispensável na formação da identidade profissional, como nos fora anunciado nos pensamentos de Nóvoa (2002), ao assegurar a atuação do licenciando em uma comunidade de trabalho. Os Registros Reflexivos tipificam a valoração das nossas reuniões e planejamentos, dos seminários síncronos, das rodas de conversas e trocas diárias, ações que extrapolam a rotina da sala de aula e viabilizam a troca de experiências e a reflexão em pares sobre os angustias, desafios e avanços.

Essa construção se dá de maneira coletiva, pois “a formação é sempre uma construção com os outros, nunca um ato solitário” (NÓVOA, 2002, p. 23). No PIBID, o diálogo entre licenciando, supervisor e professor formador constitui o verdadeiro eixo da profissionalização docente. Com esse leque de ações, o licenciando problematiza seus saberes da formação com os saberes experienciais da supervisora, fortalecendo a ideia de Tardif (2002) de que o saber docente é construído no coletivo e na prática. A participação em eventos como o 2º e o 3º Seminários do PIBID, com a partilha de vivências entre diversas escolas, potencializa essa dimensão, permitindo que o futuro professor “aprenda a ser” professor ao se reconhecer e se formar junto ao seu par.



Desenvolver a prática no PIBID traz ao licenciando a capacidade de decompor a complexa esfera dimensional da **escola como organização** de trabalho, mas também de espaço social, conforme discutido por Libâneo (1994). Estar na Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos transcende a observação de aulas curriculares, revelando os atores docentes a contextos formativos basilares a dinâmica e a cultura escolar.

Compreender e estar inserido nas culminâncias e datas comemorativas nos vários contextos, como a confraternização de Páscoa ou a recreação na quadra, dimensiona a função social da escola para além do conteúdo programático, com o aporte de linguagens artísticas e humanidades nos vários formatos de socialização se tipifica, principalmente, atuando no fortalecimento dos laços entre alunos e no bem-estar. Como ressalta Libâneo (1994, p. 25), “a escola é uma organização de trabalho social e coletivo, cujos objetivos se realizam nas relações entre pessoas, valores e práticas”.

Assim, o convívio e as ações coletivas do PIBID revelam o caráter humano e comunitário do fazer docente. E se evidencia ofício pedagógico vai agir na estruturação social intrincada, exigindo do docente expansão do seu olhar e dimensão curricular, bem como se articular no lugar que converge e equilibra o ensino formal com as experiências vivenciais, um aspecto crucial para a práxis reflexiva, ou seja, a escola acaba sendo um lugar que o academicismo se estrutura, mas sem se distanciar do viés sensorial e humano (o sentir). Essa síntese entre o técnico e o sensível é o que Nóvoa (2002, p. 18) descreve ao afirmar que “o essencial na formação é a capacidade de transformar a experiência em conhecimento”.

É salutar reforçar que a importância das experiências no PIBID não podem se elucidar e findar-se na ideia somente da formação do novo professor, pois ela se estende diretamente e por que não dizer, intimamente à comunidade escolar. A presença do bolsista na Escola Municipal Professor Lenilto Alves Santos, ao longo das atividades e da organização de eventos, faz um traz um esforço coletivo, reforçando o senso de colaboração e a ideia de pertencimento aquele lugar, aquelas experiências, de todos os envolvidos.

Essa dinâmica reforça que “[...] a prática docente é sempre dialógica; nasce do encontro com o outro e se alimenta dessa interlocução” (Geraldi, 1999, p. 42), evidenciando que o PIBID também é um espaço de construção coletiva de afetos e saberes.

Quando refletimos a participação do estudante graduando atuando no apoio de atividades como a Festa de Encerramento do ano letivo de 2024, com os pais e a comunidade presente, abrilha e dignifica o papel do programa como elo estético e prático propulsor da união, do afeto e da alegria. A relação entre a supervisora e os pibidianos amplia qualidade do trabalho pedagógico, devido, em parte, pela junção entre saber vivido da supervisora e a



energia renovada dos aspirantes à docência, que fosse no auxílio das realizações de atividades ou na construção Diagnóstico Escolar, gerando benefícios concretos para os alunos e para a organização da escola (Libâneo, 1994).

Com base então em tudo que foi apresentado nesse escopo mais geral e em sua análise minuciosamente vivida, estudada e sentida a pergunta "PIBID para quê?" terá diferentes conclusões em cada um que experiencie o programa, mas aqui encontra uma resposta multidimensional e inequívoca: o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência atua como um catalisador da práxis transformadora. Como sintetiza Almeida (2017, p. 84) "O PIBID possibilita ao licenciando vivenciar a docência em sua totalidade, rompendo com o isolamento da teoria e consolidando uma formação situada, crítica e transformadora."

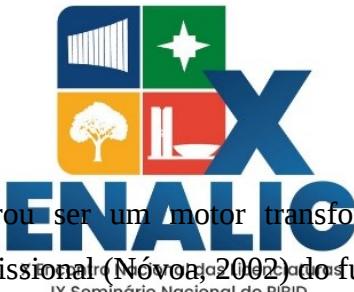
Essa vivência assegura que o futuro professor compreenda a docência como experiência viva, compartilhada e socialmente relevante. Ele é o elemento que, de forma organizada e supervisionada, compensa a lacuna experencial muitas vezes presente na formação, especialmente para os licenciandos da modalidade EAD (Ensino a Distância), nesse recorte que fazemos do curso de pedagogia do IFAL.

O PIBID permite a superação anêmica da visão meramente teórica, oferecendo uma vitamina e energia: a vivência real, reflexiva e crítica do fenômeno pedagógico o fazer "sentindo". Mais do que uma política de incentivo, o PIBID é o espaço onde o futuro professor estrutura sua identidade, ao trazer confluência de seus saberes com sua prática e se reconhece como parte integrante e fundamental do fazer, e viver o "chão da escola", promovendo o aperfeiçoamento da docência. Assim em nossas Considerações Finais condessamos as surpresas do percurso e propomos problematizar sobre o alcance do programa na formação e construção do fazer estrutural docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência ou as várias perspectivas dessas experiências através desse relato teve como teve como cerne estruturante a reflexão sobre o papel do PIBID na formação de futuros professores, e tendo como mote os incômodos, interjeições e vivências dos licenciandos do IFAL/EAD no "chão da escola" Municipal Professor Lenildo Alves Santos.

As reflexões desenvolvidas, ancoradas na prática reflexiva (Schön, 1983) e nos saberes docentes (Tardif, 2002), permitiram concluir que o programa se estabelece como um elemento amalgamador que funde, de forma orgânica, a teoria e a prática, superando a anêmica dicotomia histórica presente nas licenciaturas. A vivência, guiada pela sensibilidade



do professor/artista, demonstrou ser um motor transformador, crucial para o início da estruturação da identidade profissional (Nóvoa, 2002) do futuro docente.

IX Seminário Nacional do PIBID

Em suma, a pergunta que nomeia provoca e traz este artigo a superfície para discussão: "PIBID para quê?", encontra sua resposta (mesmo que não de forma totalitária nem absolutista) na capacidade do programa de transformar a formação inicial de professores em um processo de práxis consciente e crítica. Ao proporcionar a vivência no "chão da escola" e exigir a reflexão sistematizada por meio dos Registros Diários e Web Portfólios, o PIBID garante que o licenciando do IFAL/EAD não apenas acumule conhecimento, mas o utilize e o questione em um ambiente real.

O programa é, portanto, um elemento propulsor do desenvolvimento profissional, que insere o futuro docente em um coletivo de trabalho e o prepara para a complexidade da carreira. Sugere-se, como caminhos para futuras pesquisas, a investigação sobre a permanência dos pibidianos na docência após a conclusão do curso e a análise de como a sensibilidade docente/artística/pessoal se traduz em práticas pedagógicas inovadoras no contexto da Educação Básica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Alagoas (IFAL) pela iniciativa de desenvolver projetos de iniciação à docência, por meio de propostas elaboradas e conduzidas com dedicação por seus professores e Coordenadores de Área do PIBID, como o Projeto Pedagogia, proposto e coordenado pela professora Simone Varela. Reconhecemos também o apoio fundamental do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que tem sido essencial para a formação prática e reflexiva de futuros educadores. Estendemos nossa gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela promoção de políticas públicas que valorizam a formação docente e fortalecem a educação básica no Brasil.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, V. M. S. A importância do PIBID na formação inicial de professores. In: **Caderno de Formação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Brasília: CAPES, 2017.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. São Paulo: Ática, 1999.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002.
- SCHÖN, D. A. **The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action**. New York: Basic Books, 1983.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.